

A RELAÇÃO DA LITERATURA CLÁSSICA BRASILEIRA COM O RACISMO: UMA ANÁLISE SOBRE A REPRODUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE RAÇA

LA RELACIÓN ENTRE LA LITERATURA CLÁSICA BRASILEÑA Y EL RACISMO:
UN ANÁLISIS DE LA REPRODUCCIÓN DE LOS ESTEREOTIPOS RACIALES

RENAN BORELLA DA SILVA³⁵

Resumo:

Este artigo aborda a relação da literatura clássica brasileira com o racismo, analisando como os estereótipos de raça são reproduzidos em determinadas obras. O estudo utiliza teorias sobre formas, criação e ordem dos discursos, estereótipos como artifícios dos discursos e técnicas persuasivas presentes nesses discursos, buscando compreender como essas ferramentas são usadas na disseminação de estereótipos de raça e etnia, e muitas vezes utilizadas para fomentar ideias racistas. Para ilustrar essas ideias, foram apresentados excertos de obras clássicas da literatura brasileira, como *A Escrava Isaura*, *O Cortiço*, *Os Sertões*, *A Moreninha*, *Gabriela Cravo e Canela* e várias obras de Monteiro Lobato. O artigo destaca como essas obras contêm passagens que podem ser interpretadas como racistas ou contendo estereótipos sobre determinadas raças, à luz da história que conhecemos atualmente. O estudo dessas obras tem como objetivo fornecer informações importantes sobre a nossa formação cultural e compreender o racismo estrutural existente em nossa sociedade. Autores como Michel Foucault e Adilson Citelli são usados para a compreensão teórica dos discursos, enquanto Angela Davis, Bell Hooks, Conceição Evaristo e Jessé Souza são usados para auxiliar na interpretação das passagens dos clássicos brasileiros, oferecendo uma visão social e teórica crítica sobre cultura e racismo. O estudo busca contribuir para o debate necessário sobre as diferenças sociais e a mudança de paradigmas e convenções da sociedade para um desenvolvimento social justo e equânime, levando em consideração a importância da literatura brasileira no aspecto formativo e cultural da nossa sociedade.

Palavras-chave:

Discurso. Estereótipos. Literatura Clássica Brasileira. Racismo.

Resumen:

Este artículo aborda la relación entre la literatura clásica brasileña y el racismo, analizando como se reproducen los estereotipos raciales en ciertas obras. El estudio utiliza teorías sobre las formas, la creación y el orden de los discursos, los estereotipos como artificios de los discursos y las técnicas persuasivas presentes en estos discursos, buscando comprender cómo estas herramientas son utilizadas en la difusión de estereotipos de raza y etnia, y muchas veces utilizadas para fomentar el racismo. Ideas Para ilustrar estas ideas, se presentaron extractos de obras clásicas de la literatura brasileña, como *A Escrava Isaura*, *O Cortiço*, *Os Sertões*, *A Moreninha*, *Gabriela Cravo e Canela* y varias obras de Monteiro Lobato. El artículo destaca cómo estas obras contienen pasajes que pueden ser interpretados como racistas o que contienen estereotipos sobre ciertas razas, a la luz de la historia que conocemos hoy. El estudio de estas obras pretende aportar información importante sobre nuestro bagaje cultural y comprender el racismo estructural existente en nuestra

sociedad. Autores como Michel Foucault y Adilson Citelli se utilizan para la comprensión teórica de los discursos, mientras que Angela Davis, Bell Hooks, Conceição Evaristo y Jessé Souza se utilizan para ayudar en la interpretación de pasajes de los clásicos brasileños, ofreciendo una visión social y teórica crítica. De la cultura y el racismo. El estudio busca contribuir al necesario debate sobre las diferencias sociales y el cambio de paradigmas y convenciones de la sociedad para un desarrollo social justo y equitativo, teniendo en cuenta la importancia de la literatura brasileña en el aspecto formativo y cultural de nuestra sociedad.

Palabras clave:

Discurso. Estereotipos. Literatura Clásica Brasileña. Racismo.

INTRODUÇÃO

Há muito tempo que as questões relacionadas às diferenças sociais conduzem um debate necessário e exigem uma atitude de mudança frente aos paradigmas e convenções da nossa sociedade. Os estereótipos repletos de preconceito, seja sobre raça, gênero e sexualidade ou classe econômica deveriam estar superados há bastante tempo, dando espaço para um desenvolvimento social justo e equânime, para que possa proporcionar as mesmas possibilidades de privilégios e os mesmos direitos para todos. No entanto, o que se percebe é o contrário. À medida que os meios de comunicação avançam, mais nos deparamos com o crescimento de discursos obsoletos, que reproduzem preconceitos contra pobres, negros, índios, mulheres, LGBTQIAPN+ etc. Com a evolução tecnológica, a disseminação de opiniões discriminatórias se tornou incontável. Não que os meios de comunicação de massa, como rádio, jornal impresso e televisão, ajam de forma diferente, mas a internet concentra a maior parte dos discursos de ódio e preconceito, muitas vezes fundamentados em ódio e preconceito.

Esse trabalho é uma proposta de refletir sobre como a constituição de crenças, costumes e valores da nossa cultura está necessariamente ligada a uma ordem do discurso que beneficia apenas uma parte em detrimento de outras. É uma tentativa de mensurar a importância de discursos fundamentais para a constituição cultural de um povo, neste caso o discurso literário clássico, e compreender quais os seus reflexos até os dias atuais. É importante salientar que a literatura é, talvez, um dos discursos mais valiosos culturalmente falando, e não me parece haver uma grande discussão em discordância dessa ideia. Por mais

que os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias de comunicação ocupem um espaço gigantesco na reprodução de discursos, a literatura ainda é considerada referência em relação à cultura.

Talvez seja o caso de presumir que é através da cultura em que estamos inseridos que percebemos o mundo. A cultura nos serve como uma espécie de lente, pessoas de culturas diferentes usam lentes distintas, assim, têm visões divergentes das coisas, como bem apontou Laraia (2001) interpretando a obra de Ruth Benedict, *O crisântemo e a espada*. Ora, se assim o é, podemos pressupor que a maneira de enxergar raça também é construída pela cultura. Há um certo costume de julgar outras culturas, culturas que nem sequer estamos inseridos e muitas vezes com pouco ou nenhum conhecimento sobre a mesma, mas por se tratar de algo que não é idêntico à nossa realidade, se torna inaceitável e julgamos errado. É perceptível que a herança cultural que vem de várias gerações, apesar de ter sido modificada ao longo do tempo, ainda condiciona a grande maioria a reagir depreciativamente ao comportamento de indivíduos que agem fora dos padrões impostos pela estrutura social na qual estamos inseridos, levando normalmente a discriminação dos comportamentos desviantes. É notável a dificuldade dos grupos conservadores em não aceitar de forma legítima o outro enquanto outro. Como Benedict havia falado, o homem vê o mundo através de sua cultura, e isso tem como consequência a inclinação em considerar o seu modo de vida como o mais correto e natural. Muitas vezes esses modos de vida contêm o princípio do racismo, da intolerância, e, com frequência, são usados para justificar algum tipo de violência praticada contra os “desviantes”. Esses comportamentos etnocêntricos também resultam algumas vezes em avaliações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. As práticas de outras culturas são classificadas como absurdas e imorais.

Como já dito anteriormente, para compreender a cultura contemporânea é necessário entender os pilares fundamentais que sustentam tal cultura, se há, pois, um discurso racista estruturalmente ativo em nossa sociedade, devemos compreender sua origem, mas, sobretudo, como houve a disseminação de tal discurso. É a partir deste ponto que a literatura clássica brasileira entra de forma fundamental na construção desta pesquisa, visto que ela pode ser considerada a base da cultura de qualquer país, pois remonta às origens e às primeiras ideias disseminadas. Assim sendo, o principal ponto é compreender

como as obras clássicas de nossa literatura fomentaram a disseminação de estereótipos racistas ao longo dos anos e como os ecos desse discurso são emitidos até os dias atuais. O que apresentaremos a partir daqui será muito mais voltado para uma compreensão crítica do que propriamente uma resolução dos problemas abordados.

1 ESTEREÓTIPOS, DISCURSOS E SEUS FUNDAMENTOS

De início, salienta-se que o presente artigo é de caráter qualitativo. Trata-se de uma pesquisa realizada por meio de análise de obras clássicas da literatura brasileira com o objetivo de identificar a presença de estereótipos de raça e/ou com conteúdo racista. A pesquisa está estruturada em duas frentes.

No primeiro momento, os esforços empreendidos foram voltados para uma compreensão teórica acerca dos conceitos de discurso, entendo o discurso com uma tecnologia de poder. Também são abordados os estereótipos como artifícios do discurso, a persuasão presente em cada discurso e a estruturação dessa técnica de poder. As teorias acerca da Ordem dos Discursos, os estereótipos como artifícios do discurso enquanto tecnologia de poder e as técnicas de discursos persuasivos serão utilizadas para compreender como os estereótipos são reproduzidos e mantidos na sociedade. Neste primeiro momento, os principais autores utilizados são Michel Foucault e Adilson Citelli.

No segundo momento, foi realizada uma análise de obras clássicas da literatura brasileira, feita por meio de leitura minuciosa, identificando passagens que contenham estereótipos de raça ou que reproduzam ideias racistas. Em seguida, essas passagens serão comentadas sob a perspectiva teórica da interseccionalidade, que propõe a análise das opressões sociais como interligadas e interdependentes, não sendo possível tratar de questões de raça sem considerar também questões de gênero, classe social, orientação sexual, entre outras, buscando, assim, compreender como essas ideias contribuem para a manutenção do racismo estrutural em nossa sociedade. Para esse momento, utilizaremos autores como Angela Davis, Bell Hooks, Conceição Evaristo e Jessé Souza. Esses autores trarão uma visão crítica e contextualizada da sociedade, em especial da brasileira, contribuindo para a compreensão do racismo estrutural existente em nosso país.

Dito isso, a compreensão das ideias presentes nos discursos literários clássicos brasileiros é de fundamental importância, entretanto, é imprescindível que possamos compreender, primeiramente, como funcionam as relações discursivas em nossa sociedade, sua complexidade, seu poder e suas tecnologias. Uma técnica muito importante do discurso que tenta persuadir pessoas e proclamar certas ideias é a estereotipagem. Precisamos entender, então, que os estereótipos são um método muito eficaz de generalizar atitudes e então criar um preconceito negativo sobre uma cultura ou grupo de pessoas que se afasta dos padrões de aceitação de outro grupo.

Um estereótipo é uma visão geral ou preconceito sobre os atributos, ou características dos membros de um determinado grupo ou sobre os papéis que tais membros devem cumprir (por exemplo, mulheres, lésbicas, adolescentes). De acordo com essa definição, os estereótipos presumem que todos os membros de um determinado grupo social possuem atributos ou características particulares (por exemplo, os adolescentes são irresponsáveis) ou têm papéis específicos (por exemplo, as mulheres são cuidadoras naturais). Para qualificar uma generalização como um estereótipo, não importa se tais atributos ou características são ou não comuns às pessoas que compõem o grupo ou se seus membros realmente exercem tais funções. O elemento-chave é que, embora se presuma que o grupo específico possua tais atributos ou características ou cumpra esses papéis, acredita-se que uma pessoa, simplesmente por pertencer a ele, agirá de acordo com a visão generalizada ou pré-conceito existente sobre o grupo mesmo. Todas as dimensões da personalidade que tornam uma pessoa única serão, portanto, filtradas pelas lentes daquela visão geral ou preconceito sobre o grupo com o qual estão identificadas. (Cook; Cusack, 2010, p. 31).

Sendo assim, devemos considerar a tese de que os estereótipos são uma ferramenta indispensável para a elaboração do discurso que enaltece o preconceito de raça, mas, apesar de uma ferramenta bastante utilizada, ele não é em si o discurso, uma vez que o discurso abarca uma relação muito mais complexa do que a estereotipagem ou rotulagem de determinados grupos.

As ideias de Michel Foucault parecem caber na explicação sobre a complexidade e funcionalidade das relações das narrativas que constituem o discurso em nossa sociedade. Foucault (2014) aponta para uma relação complexa de poder e discurso no desenvolvimento de narrativas na sociedade ocidental, o que acaba por nortear muitas atitudes. O poder é exercido por determinados mecanismos, tais mecanismos são denominados de “tecnologia do poder”, que são parte integral da sociedade. Essa tecnologia transformou as relações no

mundo ocidental moderno, as normas não são mais impostas pela força, mas, através do discurso, uma forma um tanto pastoral, que consegue guiar o comportamento das pessoas. Esse sistema complexo de relação de poder (a saber, o discurso) funciona em muitos níveis e esse é seu maior perigo. O discurso é sempre reforçado, uma vez que pode ser tanto um instrumento como um efeito do poder, controlando pensamentos e condutas que, por final, irão moldar um sistema de crenças. Uma característica marcante da ordem do discurso como poder é transformar qualquer ideia oposta ao discurso pronunciado como algo impensável, insano, inaceitável. O discurso se mantém sem grandes rupturas por longos períodos, visto que sua funcionalidade é contínua, apesar de necessitar de readequações em meio às complexas relações exercidas. Foucault (2014) descreve a continuidade do discurso da seguinte forma:

Não há sociedade onde não existam narrativas maiores que se contam, se repetem e se fazem variar; fórmulas, textos, conjuntos ritualizados de discurso que se narram, conforme circunstâncias bem determinadas; coisas ditas uma vez e que se conservam porque nelas se imagina haver algo como um segredo ou uma riqueza, em suma, pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: Os discursos que “se dizem” no correr dos dias e das trocas e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomam os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer. Nós os conhecemos em nosso sistema de cultura: são os textos religiosos ou jurídicos, são também esses textos curiosos, quando se considera seu estatuto, e que chamamos de literários; em certa medida textos científicos. (Foucault, 2024, p.21)

Devemos, no entanto, chamar a atenção para a advertência que Foucault (2014) traz logo em seguida, afirmando que não existe de forma definitiva uma categoria de discursos criadores e fundamentais, de um lado e do outro uma massa que apenas repete e comenta. Existe a possibilidade de textos maiores desaparecerem e, por consequência, os comentários tomarem o primeiro lugar. Uma obra literária pode, simultaneamente, originar tipos de discurso completamente diferentes. É preciso, portanto, compreender melhor a relação entre texto primeiro e texto segundo:

O desnível de texto primeiro e texto segundo desempenha dois papéis que são solidários. Por um lado, permite construir (e indefinidamente) novos discursos: o

fato de o texto primeiro pairar acima, sua permanência, seu estatuto de discurso sempre reatualizável, o sentido múltiplo ou oculto de que passa por ser detentor, a reticência e a riqueza essenciais que lhe atribuímos, tudo isso funda uma possibilidade aberta de falar. Mas por outro lado, o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro. [...] a repetição indefinida dos comentários é trabalhada do interior, pelo sonho de uma repetição disfarçada: em seu horizonte não há, talvez, nada além daquilo que já havia em seu ponto de partida, a simples recitação. O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado. (Foucault, 2014, pp. 23-24).

Pode-se perceber que, por mais que o texto basilar fique aparentemente invisível, ele é reproduzido de outras formas pelos comentários, só não está exposto de forma integral, mas sua essência é mantida. Além dessa continuidade do discurso, o autor indica uma preocupação com os mecanismos de controle utilizados para consolidar o poder do discurso. Especificamente, a determinação das condições sob as quais o discurso funciona, a imposição de um determinado número de regras aos indivíduos que o pronuncia, tendo em vista limitar a quantidade de pessoas que podem acessá-lo. Há uma subtração dos sujeitos que falam, uma vez que ninguém deve entrar na ordem do discurso se não cumprir com as exigências impostas ou se não for considerado qualificado para tal. Esse sistema de restrição foi denominado de ritual, que define as qualificações que os indivíduos que falam devem possuir, bem como suas posições. Define também toda a composição simbólica que deve estar atrelada ao discurso, como os gestos, comportamentos e o conjunto de signos. Assim, podendo fixar sua suposta ou imposta eficácia das palavras, os limites de sua coerção e seus efeitos sobre aqueles aos quais se dirigem, como aponta Foucault (2014).

Além dessa filtragem de quem pronuncia e o que pronuncia na ordem do discurso apresentada por Foucault, que também deixa explícita uma hierarquia imposta sistematicamente, outro ponto importante a se considerar é a persuasão presente nos discursos. Citelli (2014) sustenta que a persuasão é intrínseca ao discurso, assim como a pele é ao corpo. Em outras palavras, é praticamente impossível encontrar um discurso que não tenha alguma intenção persuasiva. Ele define a persuasão como a “busca de adesão a uma tese [...] evidenciado a partir de um ponto de vista que deseja convencer alguém ou um auditório sobre a validade do que enuncia. Quem persuade leva o outro a aceitar

determinada ideia, valor, preceito” (Citelli, 2014, p.14). Nessa perspectiva, a persuasão não apenas articula argumentos, mas também conduz o receptor a endossar a visão apresentada pelo orador, sendo um processo comunicativo que visa à validação de uma ideia ou proposta.

Para Gomes (2008), a perspectiva de Brewster Smith é valorosa para a compreensão da persuasão. A persuasão deliberada tem como característica essencial o uso de técnicas comunicativas e psicológicas com vistas a produzir determinados efeitos, muitas vezes empregando métodos que chegam a ser coercitivos. Segundo o autor, a persuasão recorre a uma variedade de recursos e estratégias para atingir seus objetivos, valendo-se de elementos psicológicos, psicossociais, sociológicos e linguísticos. Esse arsenal técnico, com uma intenção orientada a alterar a percepção e o comportamento do interlocutor, é mobilizado com o intuito de fortalecer a aderência ao ponto de vista do orador.

Outro ponto importantíssimo que Citelli (2014) propõe, é a percepção de que nem sempre o discurso pronunciado trabalha unicamente com a verdade, é bem provável que em muitas vezes se utilizem da técnica da verossimilhança, ou seja, algo que “brinca” de ser verdade, que pode parecer verdade, porém, tem uma lógica própria que não é se não uma conclusão que não pode ser comprovada. Portanto, o autor explica que o verossímil é aquilo que se constitui em verdade, dentro da sua própria lógica.

Além da técnica da verossimilhança proposta por Citelli, existem outras técnicas que são demonstradas por Brown (1963), essas são utilizadas no discurso persuasivo para convencer o seu público, separando-as em oito itens, que tentaremos trazer de forma mais objetiva no decorrer deste parágrafo.

A primeira técnica apresentada, e talvez a que seja mais utilizada, é a do emprego de estereótipos, onde o autor aponta haver uma naturalidade em separar as pessoas por grupos e classificá-las em tipos, e com o tempo essa imagem acaba se tornando uma impressão fixa, quase impenetrável à experiência real. O autor utiliza como exemplo os estereótipos dos judeus, dos negros, das mulheres, refletindo sobre como essas pessoas passam a gerar reações e julgamentos não por eles próprios e sua individualidade, mas sim de forma genérica em função do estereótipo.

Outra técnica utilizada é a de substituição dos nomes, com o uso de palavras mais

favoráveis ou desfavoráveis, visando um certo apelo emocional para influenciar o receptor, substituindo alguns termos neutros que não se adéquam ao seu propósito. Por exemplo, o termo “livre mercado” que se apresenta de forma muito mais favorável do que o termo “capitalismo” hoje em dia, a troca de nomes pode suavizar ou endurecer uma posição, um exemplo que nos interessa é a forma como, por muito tempo, os negros foram chamados de “selvagens” pelos brancos, para diminuir a sua condição de humanidade, mesmo vivendo sob a mesma lei, religião e cultura.

A seleção é a terceira técnica, o autor aponta que o criador do discurso se encontra exposto a uma série de fatos complexos, e a partir daí seleciona apenas os adequados ao seu objetivo final, praticando uma forma de censura do restante dos fatos. Em diversas narrativas, como em noticiários ou certos relatórios sociais, destaca-se, por exemplo, a taxa de criminalidade ou desemprego em bairros predominantemente negros, apresentando esses dados como reflexos de uma suposta “cultura” ou “predisposição” inerente a esses grupos. Entretanto, tal seleção omite fatores cruciais, como o histórico de discriminação sistêmica, a exclusão de oportunidades educacionais e econômicas, e as políticas habitacionais segregacionistas que historicamente impactaram esses bairros.

A seguir, o autor aponta a mentira descarada como técnica, o nome deixa intuitivo como acontece tal prática. A repetição é outra técnica apresentada, característica tanto da propaganda quanto da publicidade, pode-se notar essa técnica nos slogans de marcas ou em campanhas políticas. Recentemente, talvez o que mais tenha ficado marcado em nossas memórias seja o “Yes, We Can” da campanha de Barack Obama. Essa técnica é usada também na literatura, juntamente com a de estereotipar. Um exemplo marcante pode ser encontrado na obra “O Guarani”, de José de Alencar, que, embora tenha sido escrita no século XIX, ainda ressoa em muitos discursos contemporâneos. Nesse romance, a repetição do termo “selvagem” para descrever o indígena caracteriza um estereótipo recorrente, que reforça uma visão distorcida e simplista das populações nativas. Em “Casa-Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, embora o autor busque oferecer uma análise mais complexa da formação da sociedade brasileira, a repetição de certas expressões, como “mestiço” e “mulata”, acaba por consolidar estereótipos sobre a identidade racial no Brasil.

A sexta técnica é a da afirmação, onde se fazem afirmações ousadas e firmes em

favor da tese que se defende, e não se dá espaço para discussões, tentando assim limitar a apresentação de um só lado. Apontar um inimigo é mais uma das técnicas da propaganda e Brown salienta que é importante, não apenas ter um discurso favorável a algo, mas também, contra um inimigo real ou imaginário, que supostamente contraria as ideias de seu público, podemos utilizar os discursos racistas na América segregacionista, ou as próprias campanhas nazistas contra os judeus.

A última, porém, não menos importante, é a do apelo à autoridade, que por si só já deixa evidente o objetivo. A autoridade apelada tende a ser uma figura religiosa ou política. O apelo à autoridade é uma técnica que recorre à citação de figuras ou fontes de prestígio para reforçar a legitimidade de uma ideia ou perspectiva. Na literatura, autores podem recorrer a personagens ou figuras históricas para validar conceitos ou atitudes racistas, sustentando-se na autoridade de personagens de status reconhecido. É comum que esses apelos direcionem o leitor a interpretar certos discursos como incontestáveis, dada a credibilidade associada à fonte citada.

Compreendida a estrutura básica teórica e o funcionamento da tecnologia do poder na ordem do discurso, bem como as técnicas utilizadas para a persuasão do que absorve tal discurso, é preciso ter um entendimento claro sobre quem domina tal tecnologia e tem consequentemente o poder de criar os discursos. Parece haver um consenso de que há uma relação muito estreita entre as classes sociais dominantes com a tecnologia do poder na ordem do discurso. Portanto, para compreender o discurso presente na literatura clássica brasileira como uma fundamentação cultural do racismo, é preciso compreender o que está em jogo na sociopolítica brasileira, sobretudo sobre o aspecto do racismo.

Para Souza (2017), no caso brasileiro, as classes populares não foram somente abandonadas. Foram, ao longo do tempo, humilhadas, enganadas e tiveram sua formação familiar prejudicada. Sempre foram alvos de preconceitos, desde a escravidão até atualmente. Pode-se dizer que o que presenciamos aqui é:

[...] a divisão entre “gente” e “não gente” típica de países escravocratas que nunca criticaram essa herança. [...] o que precisa ser compreendido de uma vez por todas é que ser “gente”, ser considerado “ser humano”, não é um dado natural, mas, sim, uma construção social. Existem características básicas, como consensos sociais compartilhados, que precisam ser universalizadas para que a igualdade jurídica formal

tenha alguma eficácia. [...] sem a efetiva generalização de uma economia emocional que permita o aprendizado escolar e o trabalho produtivo, cria-se uma classe de “sub-humanos” para todos os efeitos práticos. Pode-se chacinar e massacrar pessoas dessa classe sem que parcelas da opinião pública sequer se comovam. Ao contrário, celebra-se o ocorrido como higiene da sociedade. São pessoas que levam uma subvida em todas as esferas da vida, fato que é aceito como natural pela população. A subvida só é aceita porque essas pessoas são percebidas como subgente e subgente merece ter subvida. Simples assim, ainda que a naturalização dessa desigualdade monstruosa no dia a dia nos cegue quanto a isso. (Souza, 2017. p.153)

O autor argumenta que herdamos do escravismo todo o desprezo e ódio às classes populares, impossibilitando que tenhamos uma sociedade que seja minimamente igualitária e o resultado disso é o ódio aos mais frágeis e a culpabilização das vítimas pela sua desgraça construída socialmente. Todo esse processo foi e continua sendo fortalecido pelos discursos pronunciados ao longo do tempo, que repetem incessantemente estereótipos de raça, gênero e classe. Sua fundamentação está naquela que seja, talvez, a primeira forma de disseminar tais discursos efetivamente e em grandes quantidades, a saber a literatura. Em tempo, vale expor aqui que há outros diversos tipos de discursos, que, no fundo são também literários, mas que abrangem outras áreas que não a da ficção, dos contos, ou romance, que também têm sua parcela de responsabilidades na disseminação do discurso racista. Eduardo Galeano apresenta, de forma sublime e com certo tom de ironia, em seu livro *Espelhos*, como há esforços gigantescos para alçar o racismo para além de um discurso cultural e passá-lo para o nível científico:

Raça caucasiana se chama, até hoje, a minoria branca que ocupa o topo das hierarquias humanas. Assim foi batizada, em 1975, por Johann Friedrich Blumenbach. Este zoólogo acreditava que o Cáucaso era o berço da humanidade, e que dali provinham a inteligência e a beleza. O termo continua sendo usado, contra toda evidência, nos nossos dias. Blumenbach havia reunido 245 crânios que fundamentavam o direito dos europeus a humilhar os demais. A humanidade formava uma pirâmide de cinco andares. Lá no alto, os brancos. A pureza original havia sido arruinada, andares abaixo, pelas raças de pele suja: os nativos australianos, os indígenas americanos, os asiáticos amarelos. E debaixo de todos os deformados por fora e por dentro ficaram os negros africanos. A ciência sempre situava os negros no porão. Em 1863, a Sociedade Antropológica de Londres chegou à conclusão de que os negros eram intelectualmente inferiores aos brancos, e que só os europeus tinham a capacidade de humanizá-los e civilizá-los. A Europa consagrou suas melhores energias a essa nobre missão, mas não teve sorte. Quase um século e meio depois, no ano de 2007, o norte-americano James Watson, prêmio Nobel de Medicina, afirmou cientificamente que os negros continuam sendo menos inteligentes que os brancos. (Galeano, 2015. p. 40).

O próximo passo dessa pesquisa é demonstrar como existem vários estereótipos de raça presentes nos mais renomados clássicos da literatura brasileira, que podem, talvez, servirem textos primeiros na ordem do discurso e sendo, portanto, alicerces de um discurso racista que é pronunciado em nosso país há tanto tempo, alguns são mais sutis e outros beiram ao cientificismo para justificar o racismo.

2 A DISSEMINAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS RACISTAS NA LITERATURA CLÁSSICA BRASILEIRA

Não é raro nos depararmos nos livros clássicos de literatura brasileira com passagens repletas de estereótipos racistas. Há diversas passagens que descrevem os negros como selvagens e propagam a ideia de animalização. Além disso, encontra é possível encontrar a hipersexualização das mulheres negras e indígenas, bem como passagens que relacionam os negros e os indígenas com a preguiça, a malandragem, imoralidade, subversão etc., assim como a naturalização de torturas e abusos físicos e até uma defesa aberta da supremacia racial branca. Clássicos como *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães; *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo; *Os Sertões*, de Euclídes da Cunha; *A Moreninha*, de João Manuel Macedo; *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado, assim como diversas obras do escritor Monteiro Lobato, entre elas *O Saci*, *A Negrinha*, *O Presidente Negro*, estão repletas de passagens que hoje, através da história que conhecemos, podem ser interpretadas como racistas. A literatura clássica brasileira é uma fonte de informações importantes sobre a nossa formação cultural para compreendermos o racismo estrutural existente em nossa sociedade.

É preciso deixar claro, no entanto, que ter a consciência de que essas obras reproduzem conteúdos e estereótipos racistas não quer dizer que elas não tenham sua devida importância na história e na literatura brasileira. Não se trata de condenar e descartar obras de outros tempos por reproduzir algo que hoje seria inaceitável, mas sim de analisar, expor e superar o que é o nosso fundamento cultural, para que possamos estar preparados para uma mudança de paradigma em relação aos estereótipos de raça. Dessa forma, é possível notar como os discursos presentes nos clássicos brasileiros contribuíram e contribuem até hoje para certas imagens estigmatizadas na nossa cultura em relação às raças.

Um dos clássicos infantis mais reproduzidos das últimas décadas foi *O Sítio do Pica Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, obra que ganhou versão animada e série televisiva que

suavizaram muitos dos traços racistas da obra original. Um personagem dessa obra que marcou época é o Saci. Lobato (1994) descreve o personagem como um pequeno diabo de uma perna só que anda solto por aí, aprontando tudo que é possível com todas as criaturas existentes. Como característica estética aponta que é um jovem negro que sempre carrega um cachimbo aceso na boca e veste uma carapuça vermelha, essa carregaria a sua força, tal como os cabelos carregavam a força de Sansão, no entanto, quem conseguisse tirar e guardar a carapuça de um Saci ficaria para toda vida como senhor de um pequeno escravo. O trecho a seguir demonstra como o comportamento do Saci era descrito por Lobato (1994):

Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça. (Lobato, 1994. p.17)

Podemos perceber por essa visão estigmatizada de Lobato, que por muito tempo os negros tiveram (e ainda têm) grande parte das suas atitudes ligadas de alguma forma ao que se faz de ruim, à malandragem, enfim, aos crimes e delitos, não surpreende que em um sítio onde há quase uma dezena de personagens, os negros ocupassem os lugares de empregados, desocupados ou feitores de maldades. Essa visão que Lobato compartilha é uma visão que permanece em muitas situações atuais, esse é o estereótipo do negro, que é visto com alguém ligado e pertencente ao crime. Para Davis (2016), o modo como o racismo se desenvolveu ao longo da história, torna fácil compreender como a ideia estereotipada de que pessoas negras são criminosas mantém-se até hoje em muitos setores da sociedade, pois desde o início o racismo pressupõe um certo grau de criminalização das pessoas negras. A autora diz que esses estereótipos são resultado de uma sociedade com fundamentos na escravidão, e compartilha a visão de Frederick Douglas que escreveu sobre a tendência dessas sociedades escravistas de relacionar crimes com à cor da pele das pessoas, chamando atenção para um caso de um homem branco que cometia uma série de crimes com o rosto pintado de negro, pois sabia que não seria suspeito de qualquer um dos atos cometidos, simplesmente por ser branco. Em contrapartida, as pessoas negras estão até os dias de hoje sujeitas à relação ideológica que fora desenvolvida pela sociedade com berço na escravidão, que liga criminalização à negritude. Esse problema permeia até hoje pela complexidade que envolve o fenômeno do racismo. Davis (2016) traz uma explicação

bastante importante acerca disso, vejamos:

O racismo é um fenômeno muito complexo. Existem elementos estruturais bastante importantes do racismo e, em geral, esses elementos não são levados em consideração quando se discute seu fim e sua contestação. Há também o impacto na psique, e é aí que entra a persistência dos estereótipos. Os modos como, ao longo de um período de décadas e séculos, as pessoas negras vêm sendo desumanizadas, ou seja, representadas como menos do que humanas e, portanto, o caráter político da maneira como a população negra é retratada por meio da mídia, por meio de outras formas de comunicação, que entra em jogo nas interações sociais, tem igualado pessoas negras a pessoas criminosas. Então, não é difícil entender como esses estereótipos persistem por tanto tempo. (p. 45).

Outro caso de racismo explícito em uma obra clássica brasileira é o presente na obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, onde o autor busca produzir não só uma obra literária, mas sociológica, antropológica e filosófica, marcada pelas descrições e diferenciações dos povos litorâneos e interioranos. O determinismo racial proposto beira a uma teoria da supremacia racial branca, busca fazer uma descrição detalhada do povo sertanejo e desenvolver uma teoria sobre a constituição das raças. Por muitas passagens, é possível notar uma defesa aberta da supremacia racial branca e uma crítica forte à miscigenação, pois enxergava nela uma forma de enfraquecer as raças superiores. Era, no fundo, um defensor da eugenia, a passagem a seguir deixa explícito:

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasilio-guarani ou o tapuia, exprimem estádios evolutivos que se fronteam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço — traço de união entre as raças, breve existência individual em que se comprimem esforços seculares — é, quase sempre, um desequilibrado. (Cunha, 1984. p.48)

Na obra, que é tida como uma das maiores epopeias da língua portuguesa, o autor cria outras teorias aos povos miscigenados brasileiros. Uma frase bastante famosa e reproduzida de Cunha (1984) é aquela na qual abre o capítulo em que falará sobre os sertanejos, porém, apenas a primeira parte que aparenta ser um elogio é lembrada, na qual ele escreve: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (p. 51). Entretanto, a sequência

problemática desta frase, em sua maioria das vezes, é esquecida, prossegue ele:

Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, a agilidade [sic], a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gingante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. (Cunha, 1984, p.51).

O autor começa pela crítica estética, muito presente nos discursos que defendem uma supremacia racial branca, ao apontar a aparência e estrutura corporal indo-europeia como exemplar, mas a descrição prossegue em um tom misto de crítica e elogio ao fazer a composição da figura de Hércules da mitologia grega, reconhecido como sinônimo de força e beleza, com a de Quasímodo, personagem da grande obra Notre Dame de Paris, do ilustre autor francês Victor Hugo, reconhecido pelas deformações físicas, fraquezas e limitações devido a sua condição. Uma descrição constituída por impressões particulares carregadas de estereótipos e preconceitos, que buscou rotular toda uma população e julgar sob o véu de uma teoria de supremacia racial. No entanto, vale observar que esse não é um caso isolado de defesa de uma raça superior na literatura clássica brasileira. Monteiro Lobato, já citado anteriormente, na sua obra O Presidente Negro, datada de 1926, apresenta uma ficção científica que expõe como ideia um choque entre raças, onde os negros conseguem eleger um presidente, mas, no final, “a inteligência superior da raça branca vence”, o autor trabalha ao longo de toda história com estereótipos de raça, e com a defesa de ideais de superioridade racial, eugenia e degeneração de raça. Uma obra que expunha um plano para solucionar o “problema” das raças inferiores, as ideias do livro se pareceriam com as apresentadas por Hitler poucos anos depois na Alemanha. Vejamos um trecho da obra onde há uma discussão sobre qual o melhor plano para solucionar o problema das raças:

Está tudo muito bem, adverti eu, mas nos Estados Unidos não penetraram apenas os elementos espontâneos que miss Jane aponta. Entrou ainda, a força, arrancado da África, o negro.

— Lá ia chegar. Entrou o negro e foi esse o único erro inicial cometido naquela feliz composição.

— Erro impossível de ser corrigido, aventurei. Também aqui arrostamos com igual

problema, mas a tempo acudimos com a solução prática

— E por isso penso que ainda somos mais pragmáticos do que os americanos. A nossa solução foi admirável. Dentro de cem ou duzentos anos terá desaparecido por completo o nosso negro em virtude de cruzamentos sucessivos com o branco. Não acha que fomos felicíssimos na nossa solução?

Miss Jane sorriu de novo com o meigo e enigmático sorriso do professor Benson.

— Não acho, disse ela. A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de carácter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças dispares. (Lobato, 1979. p. 70).

Percebemos já em duas passagens como a miscigenação não era vista com bons olhos por alguns intelectuais e escritores brasileiros daquele tempo. Para eles, o branco ao se reproduzir com indígenas e negros estariam degenerando sua raça, que seria superior, dotada naturalmente de carácter e habilidades intelectuais que, para eles, eram impossíveis aos outros povos. Tanto é assim que na obra de Lobato recém citada, há um momento em que o autor aponta que os mongóis também seriam um problema futuro para a Europa, situação denominada de problema amarelo, mostrando como o preconceito praticado pelos brancos abrange uma gama de etnias diferentes. Porém, o povo negro é o que mais sofreu e ainda sofre com as conseqüências desses preconceitos. A verdade é que desde a escravidão há, como Angela Davis já alertara, uma desumanização dos negros, desde as expedições colonizadora, existe esse mesmo processo em relação aos indígenas.

Em outro clássico brasileiro renomado, transformado em novela de sucesso no Brasil, a saber, *A Escrava Isaura*, pode-se perceber como a miscigenação é um processo complexo, pois, dependendo dos traços estéticos que caracterizam a pessoa, o tratamento é totalmente diferente. Para contextualizar, Isaura era uma jovem escrava mestiça, que carregava consigo muito mais traços estéticos agradáveis à sociedade branca da época, por ser mais clara e ter perfil mais alinhado à branquitude do que à negritude, entretanto, segue sendo escrava o que a coloca em um dilema, pois havia recebido a educação e os costumes dos brancos, era cortejada por sua beleza branca, mas era mantida em situação igual a de outros escravos negros. Ele ocupava um lugar superior ao dos escravos, mas não era capaz de ocupar a posição da elite branca por ser mestiça, daí a passagem que apresentamos a seguir, mostrando como havia um olhar de desumanização para com os negros e os mestiços de pele mais escura, cometidos até mesmo pelos mestiços de pele mais clara. Podemos ver

também como a própria personagem se achava mais bela que as outras escravas e como o ideal de beleza branca foi tão reproduzido que qualquer aparência fora do padrão é tida como bruta e disforme.

Ah! Meu Deus! - Pensava ela; nem aqui posso achar um pouco de sossego!... Em toda parte, juraram martirizar-me!... Na sala, os brancos me perseguem e armam mil intrigas e enredos para me atormentarem. Aqui, onde entre minhas parceiras, que parecem me querer bem, esperava ficar mais tranquila, há uma, que por inveja, ou seja lá pelo que for, me olha de revés e só trata de achincalhar-me. Meu Deus! Meu Deus!... Já que tive a desgraça de nascer cativa, não era melhor que tivesse nascido bruta e disforme, como a mais vil das negras, do que ter recebido do céu estes dotes, que só servem para amargar-me a existência? (Guimarães, 2019. p. 25).

Uma visão importante sobre as personagens negras na literatura brasileira é oferecida por Evaristo (2009), ao destacar que personagens femininas negras não aparecem de forma positiva em histórias, nunca são mães, heroínas românticas ou musas, nunca lhes é proporcionado uma descendência no discurso literário, a elas é negado a imagem de mulher-mãe, papel esse que fica restrito para as mulheres brancas. A mulher negra é infecunda na literatura brasileira e, deste modo, perigosa. Mulheres como Rita Baiana são marcadas por uma sexualidade que mancha a imagem da família, ou como Bertoleza, que é animalizada durante toda a narrativa e morre focinhando como bicho. É importante destacar esta última personagem. Bertoleza era uma escrava que foi enganada quanto à sua liberdade, por uma carta forjada de seu pretendente, João Romão, que, na verdade, só estava interessado em explorar seus trabalhos e enriquecer por meio destes. Ao final da trama, ao descobrir que ainda era escrava e que seu senhor a queria de volta, Bertoleza protagoniza uma das cenas mais agoniantes da literatura clássica, que deixa evidente a animalização do povo negro, mas que mostra também, se enxergarmos com bons olhos, um ato de resistência, pois prefere a morte à escravidão. Uma decisão que ninguém deveria tomar. Vejamos a descrição da morte de Bertoleza:

A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar. Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto e, antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgou o ventre de lado a lado. E depois embarcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue. (Azevedo, 1997. p. 118).

Outra atitude naturalizada em muitos textos da literatura brasileira eram as agressões e torturas com o povo negro. Em *O Cortiço*, há uma descrição de como Firmo abusava e agredia Rita Baiana por conta de suas atitudes, e em outras diversas obras são descritas inúmeras situações de agressões físicas e verbais de forma naturalizada, sem problematização. No entanto, há um conto de Monteiro Lobato que deixa explícito como o tratamento com os negros era semelhante aos dados aos animais. Chama mais atenção ainda o fato de retratar tortura contra uma criança, e mais ainda o fato de não ter sido problematizado durante muito tempo. O conto *Negrinha* conta a história de uma menina negra, criança, órfã, filha de escravos, portanto nascida na senzala. O conto naturaliza situações de abusos domésticos realizados pela patroa que, com a morte dos pais de *Negrinha*, fica responsável pela sua criação. É importante perceber como o autor enaltece a figura da patroa e acanha a da criança, vejamos:

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. [...] Assim cresceu *Negrinha* – magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados. Órfã aos 4 anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretexto de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

– Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

– Braços cruzados, já, diabo!

Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. (Lobato, 2008. pp. 14-17).

É interessante perceber, na descrição do autor, como a senhora é caracterizada como virtuosa e moral, mesmo ao torturar física e psicologicamente uma criança. Aqui fica claro o que foi comentado ainda no primeiro capítulo deste artigo, com as passagens de Jesse Souza, sobre a divisão de gente e subgente como herança da escravidão. A senhora, mesmo com todos os absurdos cometidos com uma criança indefesa, era mimada pelos padres com

camarote de luxo nos céus, enquanto a criança, justamente por ser negra nascida na senzala, não é digna nem de um nome, é apenas Negrinha, símbolo máximo da estereotipagem de raça, pois poderia ser ali, naquela época e momento, qualquer criança negra. Não é por acaso também que o personagem é feminino, existe desde a escravidão um esforço para diminuir a mulheridade negra. Quem trabalha com essa perspectiva é Hooks (2020), que debate mais a fundo temas como a naturalização de certos abusos, como os sexuais, físicos e psicológicos, mas sobretudo os sexuais. Ela aponta que, desde a escravidão, foi criada uma hierarquia social pelos brancos baseada em raça e sexo. Assim, a disposição de importância nessa sociedade foi construída para que os homens brancos ocupassem o lugar mais alto, seguido de mulheres brancas em segundo, em terceiro os homens negros que, e situações muito específicas eram colocados no mesmo grau de importância das mulheres brancas, e por último, as mulheres negras. Assim, podemos dizer que, ao falarmos de abusos, se uma branca for abusada por um negro, o episódio é considerado mais importante, mais significativo, do que se várias mulheres negras fossem abusadas por brancos.

Esse tipo de significação e criação de uma crença que enaltece muito mais as mulheres brancas em detrimento das negras também pode ser encontrado implícito em textos clássicos brasileiros. O célebre romance, *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, considerado por muitos o maior escritor brasileiro, nos contempla com um trecho que pode ser analisado sobre o ponto de vista que nos propomos. Segundo Evaristo (2009), no romance, Gabriela é caracterizada como mulher-natureza, incapaz de compreender determinadas normas sociais, caracterizada por sua postura de uma ingênua conduta sexual. Na verdade, o papel da personagem Gabriela como mulher, está muito mais para o estereótipo da hipersexualização da mulher negra e mestiça, do que para uma mulher que busca combater um sistema de normas que a oprime, esse é o traço que Conceição Evaristo critica na sua personalidade ingênua caracterizada pelo autor. Tanto é assim que a passagem abaixo demonstra como a personagem era percebida na trama, a morena, símbolo na miscigenação, feita de cravo e canela, era pretendida por muitos, recebia propostas de morar na casa dos homens da mais alta sociedade, juizes, coronéis etc.

Um exemplo é quando o coronel Manuel das Onças oferece um emprego a Gabriela, e em seguida lhe afirma: “pra lhe falar a verdade, de cozinheira não preciso. Quando a família

vier, trago uma da roça. Mas é pena um morenão como você metida na cozinha” (Amado, 1958, p.150). A personagem era observada muito mais por seus dotes físicos, pintada como um objeto sexual, do que qualquer outra coisa, afinal, era uma mulher mulata, com cor de canela e cheiro de cravo, pronta para ser consumida. Essa obra está repleta de condições de classe, raça e gênero e suas consequentes dominações e opressões. No trecho após o episódio com o coronel, o autor se põe a escrever sobre os pensamentos de Gabriela em relação a seu casamento com Nacib, proposto por Arminda. Tais pensamentos mostram como a personagem, estimulada por uma série de discursos que constituíam certas crenças de sua época, não conseguia se enxergar com uma mulher para casar-se, pois não compreendia certas normas, os estereótipos de raça, classe e gênero são notáveis, vejamos:

Seu Nacib era para casar com moça distinta, toda nos trinques, calçando sapato, meia de seda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem. Gabriela servia para cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar. Não velho e feio, não por dinheiro. Por gostar de deitar. Clemente na estrada, Nhôzinho na roça, Zé do Carmo também. Na cidade Bebinho, moço estudante, casa tão rica! Vinha mansinho, na ponta dos pés, com medo da mãe. Primeiro de todos, ela era menina, foi mesmo seu tio. Ela era menina, de noite seu tio, velho e doente. (AMADO, 1958. p.150).

Esses estereótipos, como já dito antes, são reflexos da cultura escravista que permanece em nossa sociedade. A desvalorização de Gabriela sobre sua própria condição de mulher mulata, como é retratada na obra, é explicada por Hooks (2020) como um fenômeno que foi constituído através do estupro de mulheres negras escravizadas, o significado desses estupros não era o que “deliberadamente destruía” a integridade sexual das mulheres, mas levou, sim, a uma desvalorização da mulheridade negra que ficou marcada pela psique de todos e moldou o status social de todas as mulheres negras, mesmo ao final da escravidão. Ainda sobre o estupro de mulheres negras na escravidão, é importante apresentar a função de reafirmar o poder do senhor frente às escravas.

Como mulheres, as escravas eram inerentemente vulneráveis a todas as formas de coerção sexual. Enquanto as punições mais violentas impostas aos homens consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro, na verdade, era uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras. (Davis, 2016, p. 20).

Na visão de Hooks (2020), do sistema de escravidão e dos discursos provenientes dessa estrutura sociológica, restou a qualificação das mulheres negras como imorais, sexualmente desinibidas e depravadas. A autora usa um exemplo da contemporaneidade, a grade de programação da televisão dos Estados Unidos, onde é possível compreender qual a percepção existe sobre as mulheres negras na sociedade atual. A mulher negra é retratada, predominantemente, como devassa, decaída, prostituta. Esse condicionamento sexista-racista, que considera as mulheres negras criaturas de pouca dignidade, é consequência também de uma amenização social da opressão sexista que as mulheres negras vivem. Os discursos pronunciados sobre os tempos de escravidão ocultam que, mesmo após serem libertas, homens brancos continuaram a violentar mulheres negras por muito tempo e eram socialmente aceitos. A autora destaca ainda, que o motivo de os estupros de mulheres negras nunca ter recebido o mínimo de atenção que os de mulheres brancas recebem, é que houve uma constituição da imagem da mulher negra como permissiva sexualmente, como sempre disponíveis e até mesmo ansiosas por receber violações sexuais.

Na literatura clássica brasileira, não é difícil ilustrar as inúmeras situações em que a mulher negra é retratada como objeto sexual, permissiva, provocante, sempre à espera de uma relação. O discurso sexista-racista opressor também fez parte da fundamentação da cultura popular brasileira. Esses discursos começaram a ser disseminados em massa com as publicações das obras literárias, posteriormente com o rádio, cinema, televisão. O embrião, no entanto, está na cultura do escravismo que carregamos até hoje. Um exemplo claro da percepção da mulher negra como permissiva, disponível e devassa, como um objeto sexual, está presente na obra de Joaquim Manuel Macedo, *A Moreninha*. Veja o comentário de Augusto, personagem da história, acerca das três meninas com as quais iria se deparar na viagem:

Que interessante terceto! Exclamou em tom teatral Augusto; que coleção de belos tipos!... Uma jovem com dezessete anos, pálida... romântica e, portanto, sublime; uma outra, loira... de olhos azuis... faces cor-de-rosa... e... não sei que mais; enfim, clássica e por isso bela. Por último, uma terceira de catorze anos... moreninha, que, ou seja, romântica ou clássica, prosaica ou poética, ingênua ou misteriosa, há de por força ser interessante, travessa e engraçada. (Macedo, 2020. p. 5).

Perceba como há uma clara diferença entre a percepção de duas mulheres brancas e uma negra, enquanto as brancas são caracterizadas como clássicas, sublimes e românticas,

a negra independente de ser clássica, romântica ou sublime, é, acima de tudo, interessante, pois há de ser por natureza travessa (eufemismo utilizado para suavizar a conotação de malícia contida nessa palavra), corroborando com o que escrevia Hooks anteriormente. Essa construção da imagem da mulheridade negra desvalorizada é mais bem explicada pela autora.

A desvalorização da mulheridade negra depois do término da escravidão foi um esforço consciente e deliberado dos brancos para sabotar a construção da autoconfiança e do autorrespeito da mulher negra. Em *Black Women in White America* [mulheres negras na América branca], Gerda Lerner debate o “complexo sistema de mecanismos de apoio e mitos sustentáveis” que mulheres e homens brancos criaram incentivar a exploração sexual de mulheres negras e garantir que nenhuma mudança acontecesse no status social: Um desses era o mito da mulher negra “má”. Ao assumir para todas as pessoas negras um nível de sexualidade que fosse diferente daquele das pessoas brancas e criar o mito de que sua potência sexual era maior, a mulher negra passaria a personificar a liberdade e a naturalidade sexual. Foi criado o mito de que todas as mulheres negras ansiavam por proezas sexuais, eram voluntariamente “desinibidas” dentro da sua moral e, portanto, não merecedoras da consideração e do respeito garantido às mulheres brancas. Todas as mulheres negras eram, por definição, vagabundas, de acordo com essa mitologia racista, sendo assim, violentá-las e explorá-las sexualmente não era repreensível e não tinha como consequência qualquer das sanções comunais normais contra tal comportamento. Uma grande variedade de práticas reforçava esse mito: as leis contra casamente inter-racial; a negação do título “Srta.” ou “Sra.” para qualquer mulher negra; Os tabus contra uma digna mistura social de raças; a recusa em permitir que clientes negras experimentassem roupas nas lojas antes de fazerem a compra; a determinação de um banheiro para pessoas negras de ambos os sexo; a diferença em sanções legais contra estupro, abuso de menores e outros crimes sexuais quando cometidos contra mulheres brancas ou negras. (Hooks, 2020. pp. 103-104).

Os estereótipos racistas não são, como já mencionamos, exclusividade da época da autoria desses clássicos da literatura brasileira, é possível notá-los na contemporaneidade. É preciso entender, no entanto, que esses clássicos são inspiração para muitos leitores e muitos escritores, e é necessário problematizar tais passagens, afirmações e descrições, colocá-las no seu tempo e espaço e desconstruir os estereótipos criados ou reproduzidos por essas obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo revela a complexidade intrínseca à intersecção entre discurso, racismo e literatura, evidenciando como essas esferas se entrelaçam na formação de estereótipos e

na construção de narrativas sociais. O discurso não é apenas um reflexo da realidade, mas um agente ativo na formação de percepções e na perpetuação de preconceitos, sendo a literatura um campo privilegiado para essa investigação. Ao desvelar as representações de raça e a construção de personagens estereotipados, a literatura não apenas documenta as dinâmicas sociais, mas também molda a percepção coletiva sobre grupos marginalizados.

Ao analisarmos estudos sobre a problemática do racismo estrutural em nossa sociedade, torna-se evidente a gravidade dessa questão. Embora alguns escritores clássicos tenham flertado com ideais de supremacia racial, é crucial reconhecer que muitos deles, mesmo sem um propósito explícito de promover o ódio ou a superioridade de uma raça sobre outra, acabaram por reproduzir estereótipos racistas de maneira involuntária. Essa reprodução revela a necessidade de um debate mais profundo sobre o poder da criação de discursos, que vai além da responsabilização individual de personagens específicos.

A obra de Michel Foucault nos ajuda a compreender que somos reféns de uma tecnologia do poder que não apenas produz e reproduz discursos, mas também exerce um controle sutil sobre eles. Nesse contexto, é pertinente trazer à luz a reflexão de uma renomada escritora nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie, que aborda o perigoso fenômeno da “história única”. Adichie (2019) argumenta que o poder reside na capacidade de narrar a história de outra pessoa sem conceder voz, transformando sua narrativa em uma versão definitiva. A “história única” é, portanto, aquela que reduz um povo a um único aspecto, perpetuando uma representação simplista e imprecisa. Como ela observa, “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentirosos, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história (ou um recorte dela) se torne a única história” (Adichie, 2019, p. 26).

Essa reflexão nos leva a questionar por quanto tempo a tecnologia do poder e da persuasão continuará a ser utilizada para produzir discursos que objetivam silenciar vozes, culturas, expressões artísticas e tradições, perpetuando estereótipos racistas. Permite perceber também como a nossa cultura é fundamentada nas determinações de classe, no racismo e no sexismo. Por fim, é possível dizer que nossa cultura, ou melhor, o ideal de cultura transmitido pela considerada elite intelectual, sobretudo até o meio do século XX tem seus pilares fundamentados por uma história única, totalizadora e eurocentrista.

A literatura tem o potencial de desafiar as narrativas dominantes, proporcionando uma plataforma para vozes frequentemente silenciadas. Além disso, ao examinar os mecanismos de exclusão e opressão presentes nas obras literárias, podemos desvendar as estruturas de poder que sustentam o racismo em suas múltiplas formas. O estudo da relação entre discurso, racismo e literatura se revela não apenas como um exercício acadêmico, mas como uma necessidade urgente em um contexto contemporâneo que ainda enfrenta os desafios do preconceito e da discriminação. É através dessa análise crítica que podemos aspirar a uma literatura que não apenas reflita, mas que também transforme a realidade, promovendo um diálogo que respeite a diversidade e a pluralidade das experiências humanas.

É imprescindível promover um movimento multicultural que valorize e evidencie a riqueza das diversas culturas presentes em nosso país. Essa valorização é fundamental para a construção de uma percepção mais aberta, inclusiva e plural, que contrabalançará as narrativas hegemônicas e permitirá o reconhecimento e a valorização de todas as histórias que compõem o tecido social brasileiro.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 61
- AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**. Natal: IFRN, 1958. 299 p. Digitalização disponível no site do IFRN em: <http://docente.ifrn.edu.br/paulomartins/classicos-da-literatura-brasileira-e-portuguesa/gabriela-cravo-e-canela-de-jorge-amado>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. p. 118
- BROWN, J.A.C. **Técnicas de Persuasão: Da propaganda à lavagem cerebral**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963. p. 300. Tradução de: Octavio Alves Velho.
- CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2014. p. 103
- COOK, Rebecca J.; CUSACK, Simone. **ESTEREOTIPOS DE GÊNERO: perspectivas legais transnacionais**. Philadelphia: University Of Pennsylvania Press, 2010. p. 311. Tradução para Espanhol: Andrea Parra.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984. p. 270
- DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 138

- DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017. p.196
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 244
- ESTEREÓTIPOS, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/estere%C3%B3tipos>. Acessado em: 29 set. 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, pp. 17-31, 2009. Semestral.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 74.
- GALEANO, Eduardo. **Espelhos: uma história quase universal**. 3. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015. p. 360. Tradução: Eric Nepomuceno.
- GOMES, Neusa Demartini. **Publicidade: Comunicação Persuasiva**. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 237.
- GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: USP. 87 p. Texto scanneado e passado por processo de reconhecimento óptico de caracteres (OCR) por Renato Lima. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000057.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- HOOKS, Bell. **E eu não sou mulher?: mulheres negras e feminismo**. Mulheres negras e feminismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020. p. 319. Tradução: Bhuvi Libanio.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 120.
- LOBATO, Monteiro. **Negrinha [conto]**. São Paulo: Globo, 2008. p. 37.
- LOBATO, Monteiro. **O Saci**. 56. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p. 76.
- LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro**. 13. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979. p. 179.
- MACEDO, Joaquin Manuel. **A moreninha**. Manaus: Unama, 2020. p. 109. Disponível em: www.nead.unama.br. Acesso em: 10 fev. 2020.
- MENDONÇA, Heloísa. **Abismo social separa negros e brancos no Brasil desde o parto**. El País. São Paulo. 21 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/19/politica/1574195977_206027.html. Acesso em: 27 fev. 2020.
- SOUZA, Jesse. **A elite do atraso: da escravidão à lava jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.